VALOR COMPARTILHADO

ANO 6- Nº 14 - Novembro de 2020

NA PRÁTICA:
O engajamento das periferias na superação da pandemia

PROJETOS QUE INSPIRAM:
Coletivo "Pontes da Terra" conecta pequenos produtores rurais a organizações sociais

REALIZANDO SONHOS:
A tradição e cultura do Vale do Jequitinhonha como geração de renda e empoderamento

FORMAÇÃO:
Como as OSCs podem utilizar melhor a internet para captação de recursos

PRECISAMOS FAZER O QUE JAMAIS FOI FEITO

A pandemia de Covid-19 aqueceu ainda mais o debate sobre a necessidade de um desenvolvimento sustentável, ou seja, buscar caminhos que permitam o crescimento, inclusive econômico, sem deixar ninguém para trás.

Nesta 14ª edição da Valor Compartilhado, a primeira que produzimos desde o início da pandemia no Brasil, buscamos inspirações para juntos construirmos um novo tempo, pois, mais do que nunca, percebemos que precisamos ter coragem para fazer mais, de um jeito inovador, como jamais foi feito. É tempo de valorizar a sabedoria dos povos tradicionais e as nossas florestas. Em Tecendo Redes, vemos que é possível e preciso explorar a natureza de forma a primeiro preservá-la. A embaixadora do capitalismo consciente no Brasil, Francine Póvoa, está na seção Com a fala quem... e conta pra gente os caminhos para uma economia diferente, mais inclusiva e atenciosa com a vida. »

É atuando como agentes de transformação de suas comunidades e ressignificando a cultura local que mulheres do Vale do Jequitinhonha-MG estão gerando renda, inclusive durante a pandemia, e estão em Realizando Sonhos. Em Terceiro Setor em Foco descobrimos como consumo consciente, bazares solidários e mundo digital se conectam. Já na seção Formação, aprendemos como as organizações sociais podem se apropriar da internet para captação de recursos.

Afinal, não é tempo de esperar, mas sim de fazer acontecer. Na Prática, as comunidades da periferia de Belo Horizonte nos ensinam como se uniram para se manterem vivas. Em Projetos que Inspiram, mostramos como a iniciativa do estado de São Paulo "Pontes da Terra" conectou pequenos produtores rurais a organizações sociais e famílias sob situação de insegurança alimentar na pandemia. Em Diálogos com a Universidade, entendemos as dificuldades para as alianças intersetoriais em Brumadinho-MG, onde aconteceu em 2019, o rompimento da barragem da mina do Córrego do Feijão.

A forma como cuidamos das pessoas idosas é o exemplo que deixamos para as crianças de como devem cuidar de nós um dia. Em Fazendo a Diferença, trazemos o trabalho das ILPIs filantrópicas de Belo Horizonte na garantia do bem-estar para a população 60+ institucionalizada.

Diante de tantos desafios, é preciso reforçar que a forma como os encaramos é o presente maior que deixamos para o amanhã. Que esta revista sirva como registro e inspiração da sociedade que queremos e podemos ser.

ÍNDICE

6 **CÁ ENTRE NÓS:** É tempo de florescer

8 **TECENDO REDES:** Costurando um diálogo entre desenvolvimento sustentável e as florestas

14 **NA PRÁTICA:** Alvos de desafios, fontes de soluções: o engajamento das periferias na superação da pandemia

18 **PROJETOS QUE INSPIRAM:** Construindo pontes: da terra para a mesa

24 **TERCEIRO SETOR EM FOCO:** Bazares solidários e sustentáveis

29 **COM A FALA QUEM:** Promove a economia circular

34 **FAZENDO A DIFERENÇA:** "Ninguém solta a mão de ninguém"

39 **REALIZANDO SONHOS:** A jogadora de versos

45 **DIÁLOGOS COM A UNIVERSIDADE:** Filmes de guerra, canções de amor

50 **FORMAÇÃO:** Como as OSCs podem utilizar melhor a internet para captação de recursos

EXPEDIENTE

VALOR COMPARTILHADO

DIRETORA PRESIDENTE:

MARCELA GIOVANNA

DIRETORA EXECUTIVA:

ALINE SEOANE

DIRETORA FINANCEIRA:

USTANE MARTINS

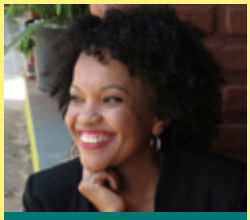
COORDENAÇÃO EDITORIAL:

DELÂNZIA JUNHO

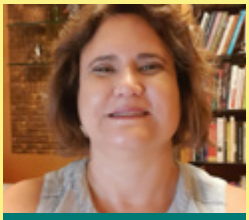
ARGUMENTAÇÃO:

VALDA MACIEL

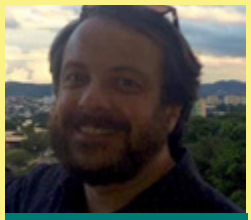
COLABORAÇÃO:



ADRIANA RIBEIRO



ANA LUISA LANA

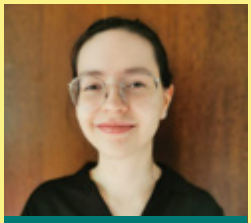


ARMINDO TEODÓSIO

DANÚBIA FRANÇOISE

DÉBORA VERDAN

ELIANA TORGA



GABRIELA MEIRELES

LUANA OLIVEIRA

MARIANA PIMENTA

TAIANY GONÇALVES

PROJETO GRÁFICO:

EDUSÁ

cemais.org.br/valorcompartilhado

valorcompartilhado@cemais.org.br

é tempo
de
florescer

O nosso Cerrado é conhecido por possuir uma flora rica e variada, adaptada para seguir viva, apesar de toda aspereza. As plantas, diante da seca, dão flores. O máximo de flores possível, com a maior beleza e vigor.

O CeMAIS, diante dos desafios trazidos pela Covid-19 e em reação às mudanças tecnológicas e culturais necessárias, também floresceu. Deixamos o escritório para agora habitar em múltiplas casas. Estamos na nuvem, encontramo-nos na rede, ampliamos nosso alcance, multiplicamos os nós.

Criamos novos canais de comunicação, reinventamos projetos e buscamos uma linguagem neutra e inclusiva para as nossas conversas. O CeMAIS expandiu em flores variadas, diversas, muitas! Entre elas, destacamos a revista Valor Compartilhado que este ano ganhou um novo formato. Agora, a publicação semestral do CeMAIS é digital e escrita a muitas mãos.

Reforçando o espaço plural que sempre foi, a Valor Compartilhado está aberta para receber a colaboração de diferentes pessoas e instituições na elaboração dos conteúdos que buscam apresentar soluções para o desenvolvimento sustentável.

Assim, ampliamos os olhares, as vozes e o alcance da nossa mensagem que é tão potente. A revista, que foi criada em 2015, segue com a missão de reunir e compartilhar as boas práticas do Terceiro Setor e de iniciativas intersetoriais, pois acreditamos que é por meio do exemplo e do diálogo que construímos uma sociedade menos desigual e mais feliz!

COSTURANDO UM DIÁLOGO ENTRE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E AS FLORESTAS

Como fortalecer o protagonismo dos povos indígenas, sem desconstruir elementos da sua identidade, ainda é um campo de aprendizado para instituições do Terceiro Setor, empresas e governos

Luana Oliveira e Mariana Pimenta

Estou num sábado de céu esfumaçado, que aguarda a chegada de outra frente fria. O dia foi carregado de calor, fazendo 30°. Amanhã chegaremos à máxima de 16°. O clima está seco. Os olhos ardem se não lubrificá-los, nossos pulmões sentem a falta de umidade no ar, os lábios ressecam. Para esta tarde (19 de setembro de 2020) está previsto que veremos um céu vermelho, com fumaças escuras formando nuvens. Essa fumaça viajou mais de 1.300 km carregando partículas dos 2,3 milhões de hectares de florestas queimadas no Pantanal para os arranha-céus paulistanos.

Não é a primeira vez que me surpreendo com um céu com as cores do fogo, vibrando entre o laranja, vermelho e preto. Estava no escritório – num prédio de oito andares que, em 1920, foi sede da Bolsa de Valores, histórico e preservado – quando, de repente, dos vitrais que cobriam o vão central foi possível ver as nuvens ocupando o céu, trazendo a nítida sensação de anoitecer por volta das 15 horas. Era 19 de agosto de 2019, o vento seco trazia partes das queimadas que ocupavam a Amazônia, num tamanho sem precedentes.

Esta matéria não é sobre as queimadas sem proporções que ocorrem por quase todos os estados do Brasil, na Bolívia e no Paraguai nestes meses de agosto e setembro. Pelo contrário, viemos dar luz aos projetos que nos aquecem de esperança, pois trazem respostas e possíveis soluções para colocarmos em prática uma economia circular e sustentável.

Saber que a brisa que entra pela minha janela carrega um ar dissipado das florestas em chamas é evidência do sistema circular de funcionamento do próprio planeta. Nem preciso mencionar o tamanho do alerta climático a que precisamos responder. »

Fotos: Cléo Santos. Acervo IEB

Por tudo isso, trabalhar com projetos para desenvolver o protagonismo dos povos das florestas, fornecendo ferramentas para que eles desenvolvam seu ecossistema econômico e social, é fundamental.

Um exemplo que faz acreditar

Entre as diversas instituições que atuam com trabalhos direcionados aos povos indígenas e populações tradicionais, vamos contar um pouco das experiências do Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB).

Destacando três frentes de atuação, o IEB atua com o fortalecimento institucional e organizacional de associações, cooperativas e povos tradicionais; possui uma área de formação estratégica com mais de 40 cursos de duração modular já ministrados, para diferentes povos, promovendo aprendizado e relacionamentos; além de projetos para gestão territorial e ambiental, que envolvem planos de manejo, planos de gestão, iniciativas de ordenamento territorial e fortalecimento das cadeias de valor sustentáveis.
O assessor de projetos do IEB, André Tomasi, explicou que "o braço de atuação em campo é aquele que envolve as comunidades em tarefas práticas, de mão na massa, para que possam articular e pensar como usar os recursos, como pensar a vigilância, a comercialização".

O objetivo é fazer com que a informação de alguma forma mova e seja propícia para a ação coletiva dessas comunidades. "O que a gente espera é que, pelo protagonismo dessas comunidades, os seus direitos sejam praticados, seus sonhos e suas ambições sejam postos em prática ou minimamente especulados. Esperamos que essas populações consigam, de alguma forma, também exercer a sua cidadania, que as formas de reprodução dos modos de vida e cultura dessas pessoas permaneçam e que elas possam coexistir com outras formas de pensar o desenvolvimento", descreve André Tomasi ao falar das expectativas da instituição.

Em rede

Se por um lado espera-se que a realidade social dessas pessoas seja modificada e melhorada, André alerta para um cuidado: a linha tênue entre impactos positivos e negativos dos projetos de desenvolvimento »

em espaços comunitários que possuem ambiências política, social e cultural próprias.

"Por exemplo, se pensarmos na questão do manejo. Você pode aumentar a renda das comunidades por um lado, mas, por outro, pode desestruturar socialmente, ou deixar de dar ênfase para aspectos culturais, que antes eram relevantes, e agora, com o projeto, a população foi mobilizada para outras ações", conta Tomasi. É preciso ter em mente que, para participar de novas atividades, membros da comunidade deixam de fazer determinadas festas ou rituais, que o tempo do projeto ocupa o calendário dessas pessoas.

O equilíbrio é buscado com a construção de redes e diálogo entre as diversas pessoas que vivem da economia da floresta. "No projeto da cadeia da castanha temos um grupo de 35 pessoas bem heterogêneo. Desde castanheiro, gente de usina, gestor público, pessoas das empresas que comercializam. É a estratégia do IEB para que os projetos de formação possibilitem criar uma rede, um universo de acolhida e intimidade em que as pessoas se abrem e, depois de um tempo, se reconhecem nesse tema, criando arranjos locais e fazendo que a economia local circule", detalha André.

As alianças entre o Terceiro Setor são também de grande valia. Instituições como o IEB e organizações e federações de associações indígenas fomentam e fortalecem a organização social das comunidades, oferecendo assessorias técnicas e apoio em questões de contabilidade, venda, mercado, logística e toda a parte operacional e de gestão das associações e cooperativas.

Patrimônio

Com a experiência de trabalho nas comunidades do sul do Amazonas, de maneira mais incisiva com a produção do açaí e castanha, André enfatiza questões ainda longe de terem solução.

Financiados por grandes agências de cooperação internacional entre países como Alemanha, Norue- »

ga, Estados Unidos e Suécia, e também por fundos nacionais públicos ou privados, os projetos trazem certo modelo de desenvolvimento para associações e cooperativas de base comunitária da Amazônia. "Existe uma perspectiva economicista somada a outra de ordem conservacionista sobre a questão. As agências têm uma prerrogativa de mundo em relação às nossas florestas. Procura-se a conservação das florestas e o aumento da renda das pessoas, mas existem muitas outras questões para alcançar isso", completa André.

"Como a gente poderia remunerar mais as populações? Com certificação dos produtos da floresta? Com boas práticas de manejo? Vai existir um mercado consumidor para pagar mais pelos produtos vindos de boas práticas, de grupos ou projetos de desenvolvimento?", indaga o assessor. Dentro do tópico da remuneração, há ainda o problema recorrente da informalidade relacionada aos produtos da floresta.

Trazendo a discussão para o campo ideal, em que procedimentos de trocas justas são estabelecidos, André traz como possibilidade a aplicação de um protocolo de consulta aos povos e populações produtoras da floresta. Consiste em a empresa compradora fazer uma consulta aos povos tradicionais sobre o acesso ao patrimônio genético associado ao conhecimento tradicional. É uma nova forma de pensar a repartição de benefícios econômicos por parte da empresa, a partir da consulta aos povos e comunidades sobre o uso do conhecimento tradicional oriundo do manejo milenar ou secular de determinadas espécies florestais. Afinal, sem o conhecimento dos povos das florestas sobre essas plantas e suas propriedades, as empresas e indústrias precisariam investir anos em pesquisas para produzir determinados componentes químicos para seus produtos. »

“Por exemplo, como uma empresa de cosméticos remunera determinados grupos dos quais ela compra urucum, óleo de murumuru ou óleo de copaíba? Existe conhecimento tradicional associado àquele recurso genético, que é usado numa fórmula ou componente químico. Portanto, remunerar esse conhecimento é uma forma de valorizar essas pessoas e o trabalho delas. Seria o ideal, que as comunidades tradicionais fossem reconhecidas e remuneradas pelo conhecimento secular do manejo de determinadas frutas, cascas, cipós, castanhas”.

É preciso que existam florestas

A incompatibilidade entre uma economia de base florestal e outra de base agropecuária nos coloca uma questão essencial: é preciso que existam florestas para que haja uma economia florestal. Simples assim, “para ter castanha, açaí, murumuru, copaíba, todos os outros recursos genéticos e os que ainda não foram descobertos, deve existir floresta”, enfatiza André.

A relação sustentável das cadeias da sociobiodiversidade se faz com uma economia de base florestal. A produção de castanha da Amazônia e açaí, produtos com consumo internacional significativo e exportados também pelo Brasil, vem de áreas florestadas por indígenas, castanheiros e ribeirinhos. É notável historicamente o papel de povos e populações amazônicas para a proteção e integridade das florestas, e, consequentemente, para o desenvolvimento de uma economia de base florestal. V

ALVOS DE DESAFIOS, FONTES DE SOLUÇÕES:

O ENGAJAMENTO DAS PERIFERIAS NA SUPERAÇÃO DA PANDEMIA

Conheça a rede de solidariedade criada pelo projeto Periferia Viva

Gabriela Meireles Caldas Fernandes

Pratique o isolamento social, use máscara e evite sair casa. Estes foram alguns dos comandos da Organização Mundial de Saúde (OMS) para barrar a transmissão do novo coronavírus. Entretanto, o acesso a tais práticas preventivas mostrou-se bastante desigual entre as pessoas. Afinal, a precariedade e lotação nas moradias, a dificuldade no acesso a equipamentos de saúde, somada à urgência dos chefes de família em manterem ou buscarem trabalho são alguns dos desafios vividos nas periferias que perturbam cada uma das recomendações citadas. »

Foto: Daniel Dorledo. Movimento Livre Eu Amo a Minha Quebrada

Foto: Daniel Dorledo. Projeto Romper

Buscando estratégias para manter seus moradores vivos e com dignidade durante as atuais circunstâncias, muitas comunidades, aglomerados e favelas alavancaram projetos locais. Alguns para arrecadar kits de higiene e cestas básicas para famílias vulnerabilizadas, outros para receberem equipamentos de informática e materiais para os alunos que estão acompanhando aulas a distância. São iniciativas sérias, criativas e de relevância extraordinária, moldadas de acordo com as necessidades mais diversas. Pensando em potencializar ideias, mobilizar recursos e na troca de soluções entre grupos engajados, entra o Periferia Viva: Força-tarefa COVID-19.

O projeto surgiu em março de 2020, época em que o Brasil começava a sentir os impactos da pandemia. "Naquele momento, nós da equipe e gestores da AIC percebemos que viria um momento muito difícil e que as periferias seriam especialmente impactadas", conta a diretora da Associação Imagem Comunitária (AIC), Rafaella Lima. "Então fizemos uma articulação com dois parceiros muito próximos e muito importantes para a história da AIC, que são a Universidade Federal de Minas Gerais e a Laço – Associação de Apoio Social", completa a diretora. Desde então, novas frentes vêm se aliando ao projeto, como o Fórum das Juventudes da Grande BH.

"O Periferia Viva é um processo essencialmente de comunicação, que busca fazer aproximações e se constituir numa plataforma para dar visibilidade e promover o »

encontro entre pessoas que podem de fato ajudar", define o professor e líder do Mobiliza UFMG, Márcio Simeone Henriques. Para ele, o projeto se engaja para "criar sistemas de ajuda e dar suporte para iniciativas coletivas e comunitárias que acontecem em Belo Horizonte, na Região Metropolitana e até mesmo algumas iniciativas que vão além desse território".

E como funciona este processo? Primeiro, é necessário alcançar e cadastrar as iniciativas a serem apoiadas. A partir daí, gestores e voluntários podem avaliar as demandas de cada grupo, organizar equipes e discutir estratégias junto aos representantes de cada projeto. Entretanto, ainda que muito organizado, o Periferia Viva precisa se adaptar constantemente. É o que defende Alga Marina Silva, membro da Secretaria Executiva do Fórum das Juventudes da Grande BH. Ela conta que é essencial "esse cuidado de um pensamento comunitário e não uma distribuição simplesmente massiva, que não se atenta às especificidades de cada território e pessoa".

Hoje, o projeto abrange cerca de 80 grupos, coletivos, movimentos e entidades locais, além de já ter recrutado mais de 30 voluntários desde o início de sua trajetória. "Se tem uma mensagem que a gente acredita que este trabalho deixa é a importância da mediação e da ação autônoma de certos grupos, que consigam realmente mobilizar as pessoas em prol desse enfrentamento", defende Márcio »

Foto: Daniel Dorledo. Movimento Livre Eu Amo a Minha Quebrada

Simeone. Assim, honrando os conhecimentos e as soluções vindas das periferias e firmando fortes vínculos solidários entre pessoas, o Periferia Viva: Força-tarefa COVID-19 tem cumprido tudo que foi proposto.

É importante que o engajamento continue, mesmo depois da pandemia

Entre os participantes que enriquecem a rede do Periferia Viva, está a Associação de Moradores da Vila Acaba Mundo, presidida por Laerte Gonçalves Pereira. Ele conta que, já há muitos anos, sua comunidade engaja em iniciativas pela melhoria da qualidade de vida local. É na Vila Acaba Mundo que acontece, por exemplo, o projeto Arte e Cultura Beco a Beco, que incentiva as pessoas a pintarem a Vila, fazendo surgir artistas entre os moradores. Também tem o Memórias do Futuro, em que os habitantes mais idosos são consultados sobre como era a Vila de antigamente, ensinando possíveis soluções atuais aos mais novos.

Laerte Gonçalves conta que as trocas mediadas pelo Periferia Viva estão tornando os participantes do projeto mais solidários e atentos para suas comunidades. "Essa solidariedade que o mundo está tendo nesse momento é muito importante que isso não acabe", pontua o líder. "A gente precisa continuar crescendo até atingir o patamar de poder ajudar, talvez algumas pessoas que não foram atingidas ainda [pela pandemia]. Esse seria nosso objetivo, porque cresceu essa ansiedade de querer ajudar também", finaliza. V

Saiba mais sobre o Periferia Viva

Para mais informações sobre os coletivos reunidos e sobre como tornar-se um voluntário do Periferia Viva, entre em contato pelos canais:

Site: periferiaviva.org.br
E-mail: contato@periferiaviva.org.br
Instagram: instagram.com/periferiaviva

Foto: Daniel Dorledo. Movimento Livre Eu Amo a Minha Quebrada

Construindo pontes: da terra para a mesa

Coletivo “Pontes da Terra” conecta pequenos produtores rurais a organizações sociais e famílias sob situação de insegurança alimentar

Taiany Gonçalves

Fotos: Elisa Carvalo, Lais Nara e arquivos Pontes da Terra.

Equipe Pontes da Terra com o agricultor Nildar Cardoso, Salesópolis-SP

Desde a chegada da pandemia do novo coronavírus ao Brasil, as palavras “fome”, “vítimas”, “mortos” e “crise” passaram a frequentar diariamente as manchetes dos jornais. Não que antes a situação do país fosse plena, muito pelo contrário. Mas é que o “vírus da fome”, como é chamada a Covid-19 pela Oxfam Brasil [1], tem assolado, ainda mais, a população brasileira e dilacerado vidas, planos, sonhos e, muitas vezes, as nossas esperanças.

Felizmente ainda existem acontecimentos para continuarmos acreditando em dias melhores, como quando nos deparamos, no meio da árdua jornada, com Ana Carolina Adsuara, 25, Elisa Carvalho, 31, Gabriela Thomazinho, 29, Laís Nara, 25, e Mariana Melo, 20, amigas e moradoras de São Paulo, que, perceberam que, mais do que se afligir com a realidade instaurada diante da pandemia, era preciso agir.

A mobilização inicial partiu de Ana, que acompanhava o cenário dos desempregos, da consequente falta de alimentos em muitos lares e, paradoxalmente, da perda dos produtos agroecológicos cultivados por pequenos produtores rurais de São Luiz do Paraitinga, cidade do interior paulista onde sua família tem um sítio. Com a suspensão das feiras locais e das aulas, e, por conseguinte, da venda dos alimentos para a produção das merendas escolares, os agricultores familiares não encontravam possibilidades para escoar suas produções.

Assim, o que sobrava em alguns lugares, faltava em vários. E tanto o excesso como a falta não eram nada favoráveis aos rumos das vidas dessas pessoas. No final, todos os lados estavam perdendo. E foi »

Alimentos para doação

Cleci dos Santos recebendo os alimentos na Associação Pequeno Príncipe, SP

[1] O Vírus da Fome: como o coronavírus está aumentando a fome em um mundo faminto. Disponível em: bit.ly/vírusdafome.

esse estranhamento que incomodou profundamente a estudante de Psicologia, que percebeu que precisava fazer algo. Mas o quê? Foi numa reunião virtual entre amigas que veio a resposta.

As primeiras construções: ligando os fatos e os dois lados

No dia 23 de março, início do isolamento social, o grupo se reuniu virtualmente e na troca de ideias brotou a proposta de ligar dois lados fortemente atingidos pela pandemia: o pequeno agricultor e o impossibilitado consumidor. "Veio a ideia de juntar. De comprar esses alimentos agroecológicos, em São Luiz do Paraitinga, que estavam com dificuldade de escoar, e fazer eles chegarem a quem precisava, criando, assim, uma ponte", conta Ana. Iniciava-se a partir daí o Coletivo Pontes da Terra.

Não tardou muito para que as arrecadações de dinheiro via Whatsapp e redes sociais iniciassem. Os amigos ajudavam e repassavam as mensagens para outros amigos e assim por diante. Além da ponte, havia uma grande corrente. Embora essa rede ainda seja muito importante, o projeto já possui um site institucional e realiza campanhas de financiamentos coletivos nas mais variadas plataformas, como GoFundMe e Vakinha, para arrecadar maiores quantias.

No primeiro mês, a própria Ana é quem tratou de construir braçalmente a ponte. Com o suporte e as orientações das amigas, ela ia ao front para conversar com os agricultores de São Luiz do Paraitinga, comprar os produtos e transportá-los até as organizações e associações da capital paulista.

Quando o cansaço físico começou a bater, proveniente das constantes idas e vindas nos quase 200 quilômetros que separam uma cidade da outra, alguns voluntários – em torno de sete –, todos moradores de São Paulo, apareceram para ajudar nesse traslado e a fortalecer o projeto. Além disso, os próprios agricultores, cooperativas e até mesmo algumas caronas começaram a transportar os produtos ao seu destino.

Em pouco tempo, o Coletivo tornou-se um porto seguro para os agricultores familiares, não só de São Luiz do Paraitinga, como também de outras cida- »

Alimentos vindos da Cooperquivale para a Ocupação Jardim da União, Grajaú, SP

Produtores Lúcia e Antônio da Cooperativa Camat, Salesópolis-SP

des do interior paulista para as quais as atividades foram expandidas: Guararema, Natividade da Serra, Taubaté, Assis, Vale do Ribeira, Ibiúna, Salesópolis, Sarapuí e Parelheiros. Para facilitar esse auxílio e possibilitar a construção de uma rede, o grupo começou a fazer um mapeamento dos produtores locais desses municípios e a estabelecerem contato direto com algumas cooperativas, como a Cooperquivale – Cooperativa dos Agricultores Quilombolas do Vale do Ribeira – e a CAMAT – Cooperativa Agrícola Mista do Alto do Tietê.

Flávio de Souza e sua esposa Adrieli Graça, produtores de hortaliças e frutíferas de Salesópolis, são alguns dos pequenos agricultores beneficiados pelo Coletivo, que não escondem a gratidão por serem ajudados e, de certa forma, poderem ajudar. "Eu vendia para o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), mas, com a chegada da pandemia, parou as aulas e travou as minhas vendas. Só conseguia umas vendinhas mesmo, de casa em casa, mas pouca coisa. Por isso, quando eu comecei a vender para o Pontes da Terra, foi muito bom.

E o que foi mais gratificante pra mim, foi quando mandaram a foto do pessoal recebendo as doações. Isso serviu como uma energia pra eu trabalhar e produzir, cada vez mais. Saber que meu alimento estava matando a fome de algumas pessoas foi muito gratificante", conta o agricultor. Atualmente o projeto atende 22 agricultores familiares – incluindo os da CAMAT –, além da Cooperquivale, que conta com 20 produtores no total.

Do outro lado da ponte, o reconhecimento também é gigante, pelo menos é esse o sentimento da Associação Comunitária Pequeno Príncipe, que atende crianças em situação de vulnerabilidade social da região de Parelheiros, mas que, com a chegada da pandemia, estendeu suas ações às famílias dessas.

Para Ana Rosa dos Santos, responsável pela Segurança Alimentar da organização, que já recebeu duas doações do Pontes nos meses de junho e agosto, é acalentador saber que as famílias dos lares para os quais os donativos foram encaminhados puderam se alimentar com dignidade. "Quando ganhamos essas doações, a gente sabia que as famílias teriam uma alimentação decente e saudável. De quantas pessoas projetos como esse matam a fome? A fome que dói tanto...", descreve com emoção. Além das famílias da comunidade, os alimentos foram encaminhados para uma aldeia e uma casa de repouso.

A Pequeno Príncipe é uma das 28 associações e organizações sociais paulistas que já receberam as doações do Pontes da Terra, que, em cinco meses de ações, totalizavam, aproximadamente, 13 toneladas de legumes e frutas e 3.256 unidades de verduras, números que aumentam exponencialmente a cada semana, assim como a vontade das amigas em ampliar e solidificar as pontes já construídas.

Enraizando as pontes

De um projeto emergencial e de curto prazo, o Pontes da Terra tem se inserido, cada vez mais, na rede de produtores locais e em movimentos agroecológicos do estado de São Paulo. Pequenos agricultores, cooperativas, líderes comunitários e até mesmo políticos procuram o Coletivo para as mais variadas assessorias e apoios. Para dar conta de toda essa demanda e poder desenvolver um trabalho de qualidade e com o máximo de conhecimento junto aos agricultores familiares e comunidades sob situação de insegurança alimentar, o Coletivo iniciou, em maio, a inscrição do projeto em editais. Embora ainda não tenha sido contemplado, essas tentativas deram visibilidade e abriram portas para o recebimento das mais diversas contribuições: financeira, de recursos humanos e de mentorias e cursos.

O objetivo é utilizar todas essas oportunidades e recursos para ir além nos propósitos do Coletivo. "Hoje, existe uma urgência pelas doações. Mas a gente acredita em ações com impactos a longo prazo, como o direcionamento de mais informações ao agricultor e a chegada de alimentos de qualidade, livres de agrotóxicos, para as populações periféricas e vulneráveis das grandes cidades... É mudar »

Fazenda do agricultor Nildar Cardoso, Salesópolis-SP

Fazenda em Salesópolis-SP

as formas que as pessoas negociam e acessam esses alimentos", explica Elisa.

Esse apoio e incentivo à agricultura familiar se mostra ainda mais fundamental quando tomamos conhecimento da sua dimensão, muitas vezes ignorada. Segundo o portal de notícias G1 [2], dois terços da produção de frutas, verduras e legumes da horticultura no país são provenientes da agricultura familiar. Além disso, os pequenos produtores representam 67% dos 15 milhões de produtores rurais do Brasil.

Felizmente, discussões sobre a importância dos agricultores familiares e de sua produção para a segurança alimentar e erradicação da fome, bem como iniciativas que os valorizem e que promovam essa visibilidade já têm sido suscitadas no Brasil e no mundo. Prova disso é que o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 2, da Agenda 2030, elaborada pela Organização das Nações Unidas (ONU), contempla a agricultura familiar e propõe como meta o aumento da sua produtividade e da renda de seus produtores. Vale destacar ainda que, o Prêmio Nobel da Paz 2020 irá para o Programa Alimentar Mundial.

Além disso, muitos projetos com propostas semelhantes ao do Pontes têm surgido. Logo após o início de suas ações, o Coletivo se deparou com algumas dessas iniciativas, com as quais, inclusive, trocaram informações e experiências, como foi o caso da Anticorpos Agroecológicos, Ponta a Ponta, Ecoz, Rangô, Gente é para brilhar e não pra morrer de fome, Divino Alimento e Salé Solidária.

Em um cenário tão desolador para nós, brasileiros, pontes como essas conectam muito mais do que a terra à mesa. Do que os produtores agroecológicos aos consumidores. Do que Flávios e Adrielis a Anas Rosa e famílias vulneráveis. Elas nos conectam a um mundo mais empático, solidário e esperançoso, amenizando, assim, aquele tão duro e cruel, que vem, diariamente, estampado nas manchetes de jornais. V

Para outras informações sobre o Pontes da Terra acesse:
pontesdaterra.com.br
@pontesdaterra

[2] Disponível em: bit.ly/Deondevemoqueeucomo

Bazares solidários e sustentáveis

Consumo consciente, bazares, mundo digital e coronavírus. O que esses assuntos têm em comum? Como uma mudança de comportamento pode fazer a diferença em uma pandemia?

Danúbia Françoise

Ilustração: Edusá

O conceito de sustentabilidade é amplo e variado. Ele envolve os aspectos social, econômico, cultural, espacial, político, ambiental, além da sustentabilidade ecológica, a qual está relacionada com o uso dos recursos naturais. Independentemente de qual modelo estamos falando, a ideia do desenvolvimento sustentável é que ele possa satisfazer as necessidades das gerações atuais, sem colocar em perigo as gerações futuras.

Tem sido assim, baseado no conceito de sustentabilidade e na mudança dos padrões de consumo e comportamento da população, que muitas Organi-

zações da Sociedade Civil (OSCs) têm encontrado a saída para driblar as dificuldades causadas pelo novo coronavírus, promovendo bazares solidários e vendas on-line. Os 5Rs do consumo consciente (refletir, recusar, reduzir, reutilizar e reciclar) nunca estiveram tão atuais como agora.

Não existe receita, o jeito é buscar oportunidades para continuar com as ações, já que, desde o início do mês de março, todos tiveram que mudar suas rotinas e hábitos para conter a pandemia de Covid-19. As medidas adotadas restringiram nossos direitos de ir e vir e, com menos pessoas circulando nas ruas, devido à quarentena, o dinheiro em circulação diminuiu. É aí que a internet surge como nova aliada para todos os tipos de negócios.

Desafios

A estratégia adotada pelo Instituto Esperança, localizado em Santa Luzia, Minas Gerais, para tentar alavancar verbas neste momento de crise foi realizar bazar on-line. O Instituto é uma casa de acolhimento para mulheres idosas em vulnerabilidade social, com a missão de promover a proteção, o amparo e empoderamento às idosas, além de conscientizar as pessoas quanto às demandas e fragilidades desse público e seus desafios futuros. Antes da pandemia, a instituição já realizava esse tipo de ação três vezes ao ano, porém, agora, os produtos arrecadados por meio de doações tiveram que ser vendidos de uma forma um pouco diferente.

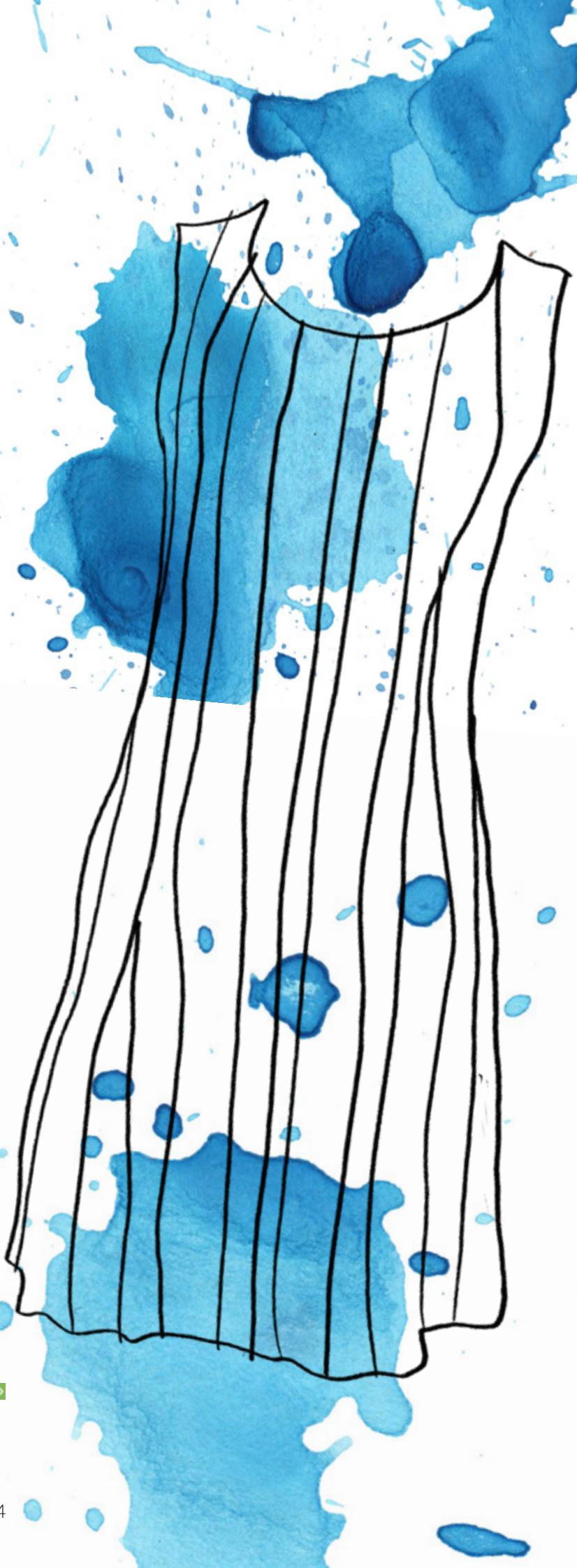
"É através da arrecadação do bazar que suprimos as necessidades da entidade devido à baixa de doações por conta da pandemia", conta Aline de Souza, coordenadora do Instituto. Na visão dela, migrar para o meio digital para desenvolver as ações não »

foi um processo tão simples. "No início houve um preconceito, mas depois vimos que é super possível se utilizarmos as ferramentas corretas, que é o que a gente já tem e de forma gratuita", avalia. Aline e sua equipe acreditavam que as pessoas não iriam aceitar fazer o bazar on-line porque o público presencial era mais simples, pessoas que talvez não conseguiriam adaptar a essa ferramenta. Como a organização não possuía um banco de dados com os contatos dessas pessoas, logo, pensou-se que elas não seriam alcançadas, porém, não foi isso que aconteceu.

"Quando começamos a utilizar das ferramentas que a gente tem e de maior alcance das pessoas, o *Instagram,* o *Facebook* e o *WhatsApp*, colocamos na rede e deu certo. Nós pensamos que precisaríamos de um aplicativo, uma ferramenta que nós não temos, mas não foi assim. Fizemos um grupo de 200 pessoas em dois dias, um foi compartilhando com o outro e conseguimos vender R$3 mil nesse bazar on-line. Foi uma surpresa muito grande porque às vezes a gente conseguia chegar próximo disso com muito suor, trabalho e dias no presencial", expõe.

Foi com esse formato que o Instituto Esperança conseguiu o recurso financeiro, em aproximadamente cinco horas, com mais tranquilidade e leveza. "A gente poderia ter feito mais se tivéssemos experimentado isso antes, mas foi muito bom", comemora.

Shirley Vieira, presidenta do Instituto Casa do Caminho, em Belo Horizonte, também compartilha da opinião de Aline. Elas acreditam que a pandemia provocou uma mudança nos padrões de consumo e que as pessoas estão mais preocupadas com as questões relacionadas à sustentabilidade. "Com a pandemia, a Instituição tem vivenciado o aumento do consumo consciente, a sociedade vem mudando »



sua mentalidade e adaptando de acordo com sua realidade. Isso tem gerado uma reflexão na forma em que as pessoas consomem, despertando um senso de solidariedade vindo através da crise", explica Shirley.

A Casa do Caminho faz o acolhimento humanizado a pessoas com câncer e a realização de bazares já era uma prática antes da pandemia. A instituição sobrevive dos bazares beneficentes e toda a renda arrecadada é revertida na manutenção da Casa. Para isso, a organização possui três bazares fixos que se configuram como o negócio social e a principal fonte de renda atual, por meio da comercialização de itens doados a preços abaixo do mercado formal, como roupas, calçados, livros, móveis, eletrodomésticos, entre outros.

"Os bazares beneficentes são o grande braço do 'caminho do bem', pois trabalham a solidariedade do doador, a sustentabilidade do planeta e promovem geração de trabalho, renda e impacto social. Quando você doa ou compra em nossos bazares, automaticamente, está apoiando a Casa do Caminho a acolher cada vez mais pessoas que precisam de amor e cuidado ", frisa a dirigente . Ela ainda lembra que os três bazares correspondem a 90% da renda da instituição. Os 10% restantes são obtidos pelas doações esporádicas da sociedade civil por meio de telemarketing.

Marketing Digital

Com tantas mudanças e incertezas, todos tiveram que se reinventar e uma grande oportunidade para qualquer negócio, empreendimento ou organização é o mundo digital. Chegou a hora de as OSCs aproveitarem o máximo das tecnologias disponíveis. Quem ainda não está nas redes sociais, é hora de criar o seu perfil e mostrar os produtos e serviços disponíveis.

Todos os bazares da Casa do Caminho ficaram fechados devido à pandemia. A instituição, que atende em média 100 pessoas por mês, entre crianças, adultos e idosos, teve uma redução de 50% nos atendimentos. "Estamos passando por um momento muito difícil, pois além da luta contra a Covid-19, nossos pacientes também lutam contra o câncer e outras doenças crônicas", lamenta Shirley. Foi aí que o marketing digital fez toda a diferença para a instituição prosseguir com as ações. "Montamos uma equipe de captação de recursos e investimos nas formas de doação on-line. Isso foi feito para recuperar os meses em que nossos bazares ficaram fechados, porém, ainda estamos em processo de adaptação", relata.

Existem hoje tutoriais e sites que explicam tudo sobre o mundo digital e podem ajudar quem não domina essas plataformas. E, para as organizações que já estão nas redes sociais, a dica é aproveitar a fase para entender melhor a dinâmica de cada plataforma e começar a utilizar os aplicativos para vender produtos, serviços e segmentar o público que se quer atingir. O momento é de aprender, explorar e descobrir! V

Leia também a matéria escrita por Débora Verdan, na pág. 50, e veja como as OSCs podem se apropriar desse espaço para as vendas on-line.

VAMOS CONVERSAR SOBRE ECONOMIA CIRCULAR?

UM BATE-PAPO SOBRE CAPITALISMO CONSCIENTE COM FRANCINE PÓVOA

Luana Oliveira

"É a nossa oportunidade de olhar para além do que está óbvio e aproveitarmos para repensar as nossas vidas como cidadãos, consumidores, gestores e líderes de organizações". A entrevista com Francine Póvoa é um convite para ampliar as percepções e refletir sobre o papel de cada um dentro da economia, indo muito além das métricas de crescimento, PIB e lucro.

Fundadora e diretora da *Legacy4Business*, Francine é embaixadora do Capitalismo Consciente no Brasil. Executiva por 12 anos em grandes corporações, seu propósito agora é assessorar empresas na mudança de paradigmas, em que o bem-estar da sociedade e do meio ambiente também são metas para marcar o sucesso de um negócio.

Ao explicar as mudanças no mercado e os avanços na direção de uma economia circular, Francine propõe um exercício de olhar com consciência para o impacto das nossas atitudes. Afinal, "sabendo que o que a gente faz interfere no outro, e que o que o outro faz interfere na gente, vamos todos fazer o melhor possível ao nosso alcance". »

1. PARA ENTRARMOS NO ASSUNTO, EXPLIQUE O QUE É ECONOMIA CIRCULAR E COMO ELA FUNCIONA?

A economia circular é um conceito que já existe há algum tempo, mas ganhou ainda mais destaque agora, em função da pandemia. A sustentabilidade, as novas relações de consumo e as mudanças no comportamento social são outros temas que também ganharam mais importância.

A economia circular está relacionada com a maneira como as empresas geram suas relações com toda a cadeia produtiva interligada ao seu negócio. Na economia circular, a empresa atua de forma a impactar o menos possível o meio ambiente e gerar o máximo de valor para as partes, desde a gestão do negócio até a entrega do produto ou serviço.

Trabalhando diretamente nas empresas, o que percebo são as semelhanças entre economia circular e capitalismo consciente.

O Capitalismo Consciente é uma abordagem de negócios que propõe gerar valor para todos os *stakeholders,* ou seja, para todas as partes interessadas. O objetivo é alcançar resultados financeiros e lucro com impacto positivo para a sociedade.

2. NA SUA VISÃO, QUAL É A CONTRIBUIÇÃO DOS TRÊS SETORES (ESTADO, EMPRESAS E TERCEIRO SETOR) PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA ECONOMIA SUSTENTÁVEL E CIRCULAR?

Eu gosto muito desse conceito da interdependência entre os setores, que é justamente uma visão de »

todos trabalharem juntos em prol da humanidade. Observe, por exemplo, o capitalismo de *stakeholders*. Neste modelo, o acionista não será priorizado, ele não é o único que tem que se beneficiar dentro do negócio. Essa é uma teoria que surgiu em 1984 e ficou em segundo plano.

De lá para cá o que prevaleceu foi uma ideia equivocada de modelo econômico, que talvez fizesse sentido naquela época, mas que agora não faz mais. O modelo do economista Milton Friedman dizia que responsabilidade social das empresas era gerar lucro para os acionistas seguindo as regras e leis.

Aí veio o risco climático, a desigualdade social totalmente fora de controle, a concentração de renda e todos esses problemas que a gente vem observando.

Tornou-se urgente pensarmos numa outra forma de conduzir negócios. No caso dos governos, de mudar a forma na condução dos países. E o Terceiro Setor vem com as instituições que conhecem os problemas e estão na linha de frente com as comunidades. Todas as partes tendo como foco o bem-estar da sociedade, não mais desenvolvimento econômico. Acredito que estamos caminhando nesta direção.

3. A EMPRESA SE TORNA MAIS ENGAJADA QUANDO COMPREENDE O PAPEL DO TERCEIRO SETOR? ISSO TORNA O SEU PROPÓSITO MAIS EVIDENTE?

As empresas estão percebendo que não adianta nada fazer ações voltadas para a sustentabilidade, para a diversidade, para transparência e ética nos negócios, se isso não for genuíno, se não estiver alinhado com o propósito, com os valores e práticas. Caso contrário, fica uma coisa desconectada. »

Neste sentido, houve grandes mudanças em 2019 e 2020. O Fórum Econômico Mundial colocou como tema central o Capitalismo Consciente e o capitalismo de *stakeholders.* O fato de essas questões serem debatidas para além dos núcleos de ambientalistas, de pessoas mais conscientes, de grupos mais específicos ou apenas do Terceiro Setor é um grande sinal de mudança. Os temas da economia circular chegaram numa agenda estratégica das empresas, nos presidentes, nos conselhos de administração das grandes multinacionais. A alta gestão percebeu que isso é fundamental para a própria sobrevivência dos negócios, que não é possível conduzir as empresas como fizemos nos últimos cinquenta anos, e essa é uma diferença muito importante.

Quando uma grande empresa toma a causa de maneira genuína, torna-se algo que está alinhado com as práticas do dia a dia. E esse comportamento das grandes empresas vão impactar as menores. Todas irão perceber que já é possível fazer bons negócios com impacto positivo na sociedade.

4. PODEMOS DIZER QUE A PRINCIPAL MOTIVAÇÃO DAS EMPRESAS PARA FAZER INVESTIMENTOS NO TERCEIRO SETOR AINDA SÃO AS COMPENSAÇÕES POR IMPACTOS GERADOS?

Isso ainda é o mais usual, mas não tenho a menor dúvida de que estão acontecendo mudanças. Às vezes me pergunto: Capitalismo Consciente é a mesma coisa que responsabilidade social? Não! É diferente.

Porque o conceito, originalmente falando sobre responsabilidade social, está muito relacionado às

empresas tentarem amenizar externalidades. Por exemplo, meu produto e processo de fabricação vão poluir determinada região. Então, para amenizar essa externalidade, vou cuidar de um jardim ou apoiar financeiramente uma instituição.

No Capitalismo Consciente, ou nas chamadas empresas B, surge uma nova mentalidade. O objetivo não é amenizar um problema. Faz parte do DNA da empresa um modelo de negócio que não cause o impacto negativo.

5. O QUE AS INSTITUIÇÕES DO TERCEIRO SETOR DEVEM FAZER PARA ESTAR APTAS A RECEBER OS INVESTIMENTOS DE EMPRESAS QUE ATUAM COM O CAPITALISMO CONSCIENTE?

A instituição do Terceiro Setor deve ter um olhar especial para a gestão, para profissionalizar cada vez mais essa área. Isso porque nas relações com empresas desse novo modelo, elas terão relacionamento direto com a alta gestão.

6. COMO AS INSTITUIÇÕES DO TERCEIRO SETOR PODEM COLABORAR NESSE PROCESSO DE MUDANÇAS PARA DESENVOLVERMOS UM NOVO MODELO DE ECONOMIA?

O Terceiro Setor tem um papel importantíssimo. Ele está muito próximo das comunidades, das demandas da sociedade, do que está acontecendo de fato, do que as pessoas precisam e quais os problemas que devem ser atacados e cuidados. O Terceiro Setor traz para nós do setor privado seu olhar mais treinado e voltado para as questões da sociedade. Este olhar social é muito novo para as empresas privadas. Por isso, a parceria entre as instituições e as empresas vem sendo fundamental.

Hoje, temos até alguns casos em que chamamos de "setor dois e meio", empresas que não estão nem no Terceiro, nem no Segundo Setor. Elas estão no meio porque são negócios com fins lucrativos, mas que foram concebidos para resolver uma demanda da sociedade. E nascem por meio de um trabalho colaborativo.

A relação Governo e Terceiro Setor é algo que já vemos há mais tempo. Mas, esta parceria Terceiro Setor e empresas privadas é mais recente e estão surgindo projetos muito interessantes neste sentido.

Ninguém solta a mão de ninguém

Danúbia Françoise

Com a união de várias forças é possível driblar os desafios causados pela Covid-19

Ela venceu a Covid-19, aos 102 de idade, após ficar internada durante 17 dias. A senhora Vicentina Pereira da Conceição, moradora do Lar dos Idosos Clotilde Martins desde 2013, em Belo Horizonte, é um exemplo de fortaleza e sabedoria. Segundo Irene Rezende, assistente social da instituição, a idosa não tem muito conhecimento do que seja a doença que ela contraiu, o que ela sabe é que foi tratada de uma pneumonia e que nunca desistiu de lutar pela vida. Willian Carlos Campos Barbosa, presidente do Lar, afirma que todos acreditavam na recuperação dela, pois a senhora Vicentina sempre foi muito forte. "Ao observar que ela apresentou baixa saturação, a equipe de saúde do Lar a encaminhou para o Centro de Saúde Salgado Filho, em seguida ela foi para a UPA Oeste e, em sequência, para o Hospital São Francisco", explica Irene.

De acordo com a dona Vicentina, o fundamental para a sua recuperação foi a crença em Deus. A mensagem que ela deixa para todos que estão doentes é que "tenham fé e se cuidem melhor"!

Alerta e escuta

A fase de pandemia é um momento de inúmeras preocupações para as ILPIs - Instituições de Longa Permanência para Idosos. Entretanto, além da vitória do Lar dos Idosos Clotilde Martins, que teve a saúde de dona Vicentina recuperada, outro lar em Belo Horizonte, o Frei Zacarias, também tem motivos para comemorar.

Com 25 moradoras, a instituição confirmou o primeiro caso de Covid-19 no dia 3 de julho. De forma consciente sobre todas as dificuldades que enfrentariam diante o novo cenário, a equipe de gestão e saúde (coordenador, responsável técnico e médico da Instituição) se organizou, procurando analisar a situação com uma visão macro, por meio de estudos, palestras e formações. Foi com essa postura que, das cinco moradoras com diagnóstico positivo, todas se recuperaram.

"Salientamos a importância da Frente Nacional de Fortalecimento às ILPIs e da articulação efetiva com o Conselho Municipal do Idosos de Belo Horizonte (CMI/BH) e o CeMAIS. Por conseguinte, procuramos elencar 'objetivamente' os objetivos que deveríamos alcançar, os problemas a serem sanados, e identificar as necessidades e a viabilidade das ações", explica Marcelo Manoel Sobrinho, coordenador do Lar.

A preocupação do dirigente nesse momento era que a comunicação entre os envolvidos acontecesse de maneira ampla e clara. "Todas as formações e trabalhos sistematizados e construídos pela equipe de gestão e saúde foram apresentados aos funcionários, familiares e às moradoras", ressalta.

Confira os principais trechos da entrevista com o coordenador do Lar Frei Zacarias:

VC: A QUE VOCÊ ACREDITA QUE SE DEVE O SUCESSO DAS AÇÕES?

Marcelo Manoel Sobrinho: Ao trabalho conjunto e holístico, entendendo a Instituição como um organismo vivo, entendendo em cada uma de nossas moradoras sujeitos de direito e dignidade. TODAS AS VIDAS HUMANAS SÃO IMPORTANTES E DE IGUAL VALOR. A equipe de gestão e saúde, dentro do horizonte possível, procurou reunir os funcionários, as famílias e as moradoras e fazer o gerenciamento e o acompanhamento individualizado, enquanto as tarefas e os novos protocolos de saúde, segurança e vigilância sanitária fossem executados. Muitas mudanças e variações de comportamento e rotina aconteceram. Todavia, todos os envolvidos, de modo ativo e responsável, estiveram por dentro do que foi modificado e efetivado, procurando, sempre que possível, contribuir para alguma solução mais assertiva dentro do processo.

VC: VOCÊS CHEGARAM A DESISTIR DE LUTAR CONTRA A DOENÇA EM ALGUM MOMENTO?

MMS: A pandemia nos trouxe uma reflexão onde somos igualados em nossa pequenez. E quantas surpresas! Tomados por um outono de muitas incertezas e dúvidas, fomos levados ao cair das folhas a deixarmos ser guiados pelo tempo. E quando em 3 »

Fotos: Alessandra Giovanna de Almeida

de julho tivemos o primeiro caso confirmado com Covid-19 entre as moradoras, colocamo-nos em estado de cobrança, tristeza e desalento. Perguntas banais como "por que aconteceu aqui?", "o que fizemos de errado?" deram lugar para um otimismo operante de nos esforçarmos para conquistar e perpetuar a cura. E quantas alegrias e surpresas: a receptividade dos familiares por meio de videochamadas e telefonemas, o engajamento dos funcionários em quebrar a rotina com atividades antes nunca feitas e a competência de cada funcionário que procurou tornar a vida de nossas moradoras mais acessível e colorida.

VC: QUAL FOI A MAIOR DIFICULDADE E O MAIOR MEDO QUE VOCÊS ENFRENTARAM NESSE PERÍODO?

MMS : Para além das dificuldades financeiras e estruturais, durante esse período, a expressão: "esse vírus só mata velho, e daí?" conseguiu questionar e abalar os nossos alicerces. Numa fase social em que o pensamento sobre si mesmo se tornou a norma, esse vírus nos envia uma mensagem clara: a única maneira de sairmos disso ilesos é fazer ressurgir o sentimento coletivo de ajuda ao próximo, de pertencer a uma comum unidade, de sermos responsáveis, sujeitos da história e se fazer

parte de algo maior que, por sua vez, é responsável por nós. Movimento dialético, lei da ação e reação: corresponsabilidade! Está faltando empatia, sentir que nossas ações influenciam no destino das pessoas ao nosso redor e que dependemos delas. Em uma sociedade baseada na produtividade e no consumo somos forçados a parar... recolhidos, calados, alarmados, silenciados na dor sentimos na pele o que milhares de idosos sentem cotidianamente. Até que ponto o caminho da lógica e do sucesso vale a pena se não for acompanhado de reciprocidade, afeto, carinho e tolerância. Grandes ações devem ter uma razão maior para serem feitas do que apenas lucro ou grandeza. É preciso pensar nas pessoas, no bem-estar do nascer ao morrer. É preciso tomar atitudes que, mais do que enriquecer alguns, façam do mundo um lugar melhor para todos. Equidade e justiça social! Com o universo e suas leis, parece que a humanidade já está bastante endividada e que essa pandemia está chegando para nos explicar, a um preço caro: os nossos idosos são descartáveis?

VC: QUE MENSAGEM VOCÊ DEIXARIA PARA OS OUTROS DIRIGENTES DE ILPIS NESTA FASE TÃO DELICADA QUE ESTAMOS VIVENDO?

MMS: "Ninguém solta a mão de ninguém", apesar de dias frios e turbulentos é necessário ressaltar a importante missão de cada um de vocês: nobres guerreiros! Missão quente, carregada de calor e dinamismo que consegue trazer vida e poesia aos nossos dias. Um verão diferente, que nos tira das praças e das serras, mas nos incentiva ao senso de coletividade e empatia, proporcionando um ambiente que o permita olhar da janela (do quarto ou virtual) a possibilidade de aprender e compreender, não apenas os referenciais de cuidados básicos, mas a importância de dignificar a vida humana em todas as suas dimensões. Conte conosco!

Comprometimento social

O isolamento são dos encontros presenciais e das atividades sociais, mas a proximidade das ações segue acontecendo de maneira firme, comprometida e conectada. É assim que a Frente Nacional das ILPIs (FN-ILPI), o CeMAIS, a Rede de Apoio à Pessoa Idosa (RAPI-MG) e o CMI têm se unido em prol das ILPIs filantrópicas de Belo Horizonte, promovendo ações de enfrentamento à Covid-19.

Proteger os mais vulneráveis tornou-se prioridade. Pensando nisso, o relatório técnico da FN-ILPI do mês de abril focou em subsidiar a Comissão de Defesa dos Direitos do Idoso da Câmara Federal no enfrentamento emergencial da pandemia, com ênfase para as instituições de acolhimento.

O documento traz informações relacionadas aos diferentes eixos de atuação das organizações no enfrentamento da doença (como internação hospitalar, orientação em caso de óbito, contato com os familiares, prevenção de contágio, entre outros), além de uma síntese das boas práticas em IPLIs, questões jurídicas de interesse e do financiamento.

Da mesma forma, o CeMAIS também organizou diversas ações para apoiar as ILPIs filantrópicas da capital mineira. Para organizar as demandas de suprimentos, a fim de facilitar as doações, a associação elaborou um documento com as informações completas das ILPIs, como endereço, contato e conta bancária. A intenção é atender empresas e grupos da sociedade civil interessados em apoiar os lares de idosos durante a pandemia da Covid-19. A listagem, atualizada constantemente durante a pandemia pela equipe do Rede 3i, segue disponível no site do CeMAIS.

Outra ação que merece destaque é o lançamento do material informativo para ILPIs. Desde abril, gestores de Minas Gerais estão recebendo um boletim semanal com o objetivo de compartilhar orientações e determinações oficiais, além de criar uma rede de boas práticas e de atenção aos direitos da população 60+. Também é possível acessar todo o conteúdo no site da associação.

A Jogadora de Versos

Conheça a história de Marli que, junto com outras mulheres, ressignificam a cultura do Vale do Jequitinhonha e são agentes de transformação em suas comunidades

Delânzia Junho

Ilustração: Edusa

A poesia, a simplicidade e a beleza são componentes de uma tradição que se perpetua no Vale do Jequitinhonha, região nordeste de Minas Gerais: o "jogar versos". As cantigas sempre acompanharam o trabalho árduo no campo e os diversos afazeres domésticos, além dos momentos de celebração. Em festas e encontros nas comunidades, as pessoas se reúnem para "cantar rodas de verso". Na roda todos cantam juntos um refrão e, em seguida, os versos começam a ser "jogados" individualmente, que podem ser improvisados ou pertencentes ao repertório tradicional.

Com a pandemia de Covid-19 e a diminuição de fontes de renda, os versos cantados atravessaram os vales do Jequitinhonha e se espalharam pelo mundo. Em março de 2020, a AJENAI - Associação Jenipapense de Assistência a Infância, localizada em Jenipapo de Minas – lançou o Versinhos de Bem-querer, projeto que comercializa por meio de uma plataforma online versos feitos sob encomenda.

Os pedidos são feitos pelo endereço www.versinhos.com.br. A AJENAI entra em contato para identificar para quem ele será destinado e as jogadoras criam o versinho a partir das características fornecidas pelo comprador e por versos já tradionais. "Nós pensamos nesse projeto como uma ajuda de mão dupla. O objetivo é levantar recursos em prol das famílias rurais do Vale do Jequitinhonha atingidas pela pandemia, mas também tínhamos a certeza de que a cultura do Vale tinha muito a contribuir nesse momento, trazendo alegria, poesia e musicalidade para as pessoas que estão entristecidas, inseguras e distantes umas das outras", conta Mariana Berutto, responsável pela comunicação da AJENAI.

De imediato, a iniciativa começou a fazer sucesso com encomendas vindas de toda parte do Brasil e de países como Alemanha, França, Estados Unidos, Argentina e Uruguai. Inicialmente, o valor arrecadado foi destinado diretamente para famílias de oito comunidades rurais do município. A partir de julho, o recurso passou a ser usado para a continuidade de projetos mantidos pela AJENAI, além do início de um novo projeto de ampliação e fortalecimento do plantio do algodão orgânico, visando a geração de renda a médio prazo.

Mas quem dá vida aos versinhos que encantam, emocionam e geram renda para diversas comunidades? As jogadoras de versos de bem-querer são mulheres que participam de projetos socioculturais mantidos pela AJENAI: Nalva Aline de Jesus S. Martins, 30 anos, Marli de Jesus Costa, 41 anos, Kárem Ferreira, 19 anos e Grace Matos, 37 anos.

A Valor Compartilhado teve a oportunidade de conversar com Marli, que contou como se tornou jogadora de versos e a relação com a comunidade em que vive.

A AJENAI é uma associação sem fins econômicos, criada em 1999, que desenvolve diversos projetos socioculturais junto às populações de comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha.

Conheça o trabalho da associação e saiba como contribuir: ajenai.org.br.

Bordadeiras de Curtume e Tecelãs de Tocoiós Foto: Érika Riani

Marli, a jogadora de versos de Curtume

Marli conheceu a AJENAI há 14 anos, quando os seus filhos passaram a fazer parte do programa de Apadrinhamento de Crianças do *ChildFund* Brasil - Fundo para Crianças, implementado no Vale do Jequitinhonha pela associação. Ela não saiu mais. Envolveu-se em diversas atividades e hoje participa do projeto "Mulheres do Jequitinhonha", formado pelos grupos Bordadeiras de Curtume e Tecelãs de Tocoiós.

Marli nasceu longe das terras do Cerrado. Os pais, Nilza e José, são da Comunidade Quilombola Curtume, do município de Jenipapo de Minas, mas, ao se casarem, partiram para a cidade de São Paulo em busca de melhores condições de vida, onde Marli nasceu. Quando ela tinha um ano, a família retornou às suas raízes. "Até me esqueço que nasci por lá", conta.

E não há ninguém que se arrisque a dizer que Marli não é jenipapense (e de Curtume). Ela carrega um grande orgulho de sua comunidade, traço que é materializado em seu trabalho. Marli e outras 24 mulheres formam o grupo "Bordadeiras de Curtume", que retrata nos tecidos o cotidiano do Vale do Jequitinhonha. O objetivo do grupo é o empoderamento das integrantes a partir de seus saberes, proporcionando alternativas para a geração de renda. "O grupo movimenta a comunidade. Antes as mulheres tinham que sair para trabalhar com os seus maridos. Hoje a gente fica aqui, porque a gente borda e tem renda, além de fortalecer os nossos vínculos", explica. Os estandartes bordados pelo grupo já atravessaram o oceano Atlântico para uma exposição em Genebra, na Suiça, "Empreendedorismo Social: Identidade e Saber Local", ocorrida em fevereiro de 2020.

Com a pandemia de Covid-19, a venda dos bordados diminuiu e Marli passou a "jogar versos" por encomenda pelo projeto "Versinhos de Bem-querer". Para ela, ser jogadora de versos é outro motivo de orgulho e oportunidade de levar adiante uma tradição da família. Marli aprendeu a arte com o pai, que a levava para a lavoura ainda pequena e, juntos, percorriam o trajeto cantando. O mesmo se repetia na labuta: "Chegando lá, a gente trabalhava o tempo inteiro cantando. Todas as cantigas que meu pai cantava eu aprendi. Eram diferentes para cada época: tinham as cantigas para plantar, capinar e colher", lembra Marli. Quando o trabalho era finalizado, eles colhiam um pé de milho e desciam para a casa da proprietária da lavoura. Ela ficava os esperando para receber o pé de milho acompanhado de versos.

“Abre a porta dona de casa que os homens vêm chegando,

Sua roça já tá limpa, só capino para o ano

O milho que tô trazendo é uma demonstração

Sua roça tá bonita, lá tem milho e feijão

Abre a porta dona de casa que os homens vêm chegando,

Sua roça já está limpa, só capino para o ano”

Os versos que Marli cantava nas lavouras, tão tradicionais no Vale do Jequitinhonha, alcançaram centenas de pessoas. De março a julho de 2020, o projeto recebeu mais de 3.000 encomendas. “A gente canta com simplicidade e com muito amor. É gratificante quando as pessoas retornam emocionadas e felizes com os versos que receberam”. Marli conta ainda que sempre se emociona ao produzir os versos encomendados, especialmente em alguns casos. Ela se recorda quando cantou para uma família que teve a casa tomada pelo fogo e perdeu um filho no acidente. “As pessoas ficam agradecidas com os nossos versos, porque eles causam um efeito bom dentro delas. É uma esperança, né? ”, conta abrandada.

Em outra ocasião, Marli se surpreendeu com o retorno que teve de um dos versos jogados. Helena Buarque de Hollanda encomendou dois versinhos e Viviane Fortes, coordenadora do projeto Mulheres do Jequitinhonha, aproveitou a oportunidade para enviar um verso ao pai de Helena, Chico Buarque. Marli então jogou os seus versos: »

Foto: Livia Rebehy

“... A lua já vem saindo

De trás do pé de fulô

Não é lua não é nada

É o Chico puro amor

Joguei meu barquinho na água

Com carinho e amor

Chico você é tão lindo

Que nem sereno na flor...”

O que Marli não esperava é que o Chico Buarque retornaria o agrado: “Ele é uma pessoa maravilhosa, educada. Me retornou com um outro verso muito bonito.”

“Durante a noite inteira
Escuto porquê quem sonha
A Marli bordadeira
Lá de Jequitinhonha”

Além de ser jogadora de versos e bordadeira, Marli perpetua outros conhecimentos da cultura da região - ela é mestre no tingimento natural e grande conhecedora das plantas. Tenta ainda manter viva a história de Curtume, local de forte relação com a sua família. Ela conta que o seu tataravô, Joaquim Teodoro da Costa, foi um fazendeiro que acolhia escravos fugidos, tornando-se figura importante na construção da comunidade quilombola.

E, assim, Marli vai contando histórias de sua vida e de Curtume. Uma conectada a outra. Conversar com ela é como escutar as melodias e os versos das cantigas que canta e tanto encantam. É apreciar a poesia sobre um povo forte, sentindo a simplicidade e a beleza de seus saberes tradicionais.

Tingimento natural de tecidos Foto: Érika Riani

"FILMES DE GUERRA, CANÇÕES DE AMOR"[1]

TRAUMAS EM TERRITÓRIOS MARCADOS PELA MINÉRIO-DEPENDÊNCIA: DESAFIOS PARA AS ALIANÇAS INTERSETORIAIS EM BRUMADINHO/MG

Ana Luísa Pinto, Eliana Torga e Armindo Teodósio[2]

[1] Referência à música "Filmes de Guerra, Canções de Amor" de autoria de Humberto Gessinger, no álbum "A Revolta dos Dândis" da banda Engenheiros do Hawaii, 1987.

[2] Ana Luísa Lana Pinto - Mestre em Psicologia, pós-graduada em Saúde Mental, psicanalista, psicóloga, docente na pós graduação em Psicanálise e Clínica Contemporânea da UNA e atua clinicamente em Brumadinho.

Eliana Márcia Martins Fittipaldi Torga - Doutora e mestre em Administração, bacharel em Psicologia, professora do Mestrado em Administração no Centro Universitário UNA, pesquisadora especializada em ações de intervenção psicossocial em tragédias.

Armindo dos Santos de Sousa Teodósio (Téo) - Doutor em Administração, mestre em Ciências Sociais, bacharel em Ciências Econômicas, professor do Programa de Pós-Graduação em Administração na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Criado em Brumadinho, tem vínculos familiares e de amizade com a população local. Coordena projetos de pesquisa e extensão universitária no território desde 2019.

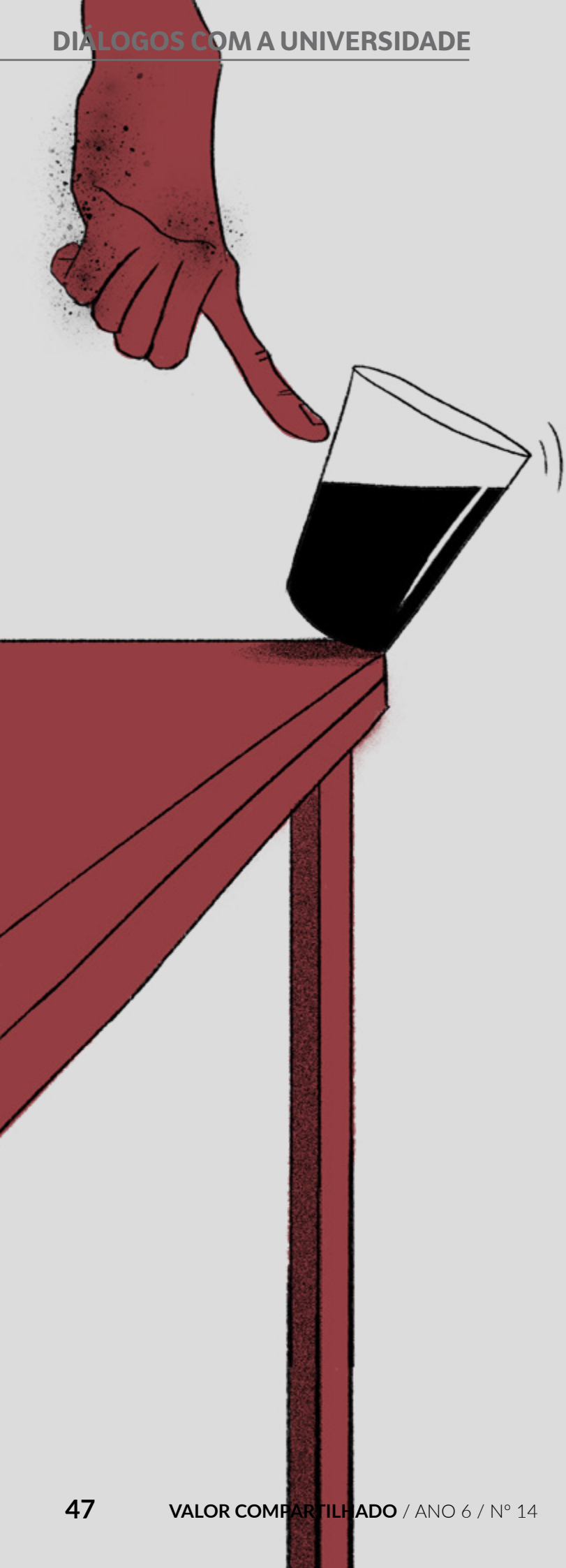
Ilustração: Edusá

Mais de um ano e meio se passou desde o rompimento da barragem da mina do Córrego do Feijão em Brumadinho. É preciso marcar as datas, parar a cada dia 25. São rituais importantes, pois além de ajudar na elaboração destas perdas tão difíceis, não nos deixam esquecer a dimensão de devastação psíquica dessa tragédia-crime. O acompanhamento aos sobreviventes e aos familiares de vítimas escancara essa dolorosa realidade.

A destruição causada pela onda de lama e a condição psíquica dos afetados podem ser associadas a uma metáfora muito usada por eles: "Parece um cenário de guerra!" A avalanche de lama remete à guerra nos aspectos materiais e simbólicos, ou seja, nos corpos destroçados e desaparecidos, nas fugas desesperadas, nos mortos sendo transportados de helicóptero passando sobre as casas, no medo, no luto individual e coletivo, nas famílias destruídas pela morte e também pelo dinheiro da reparação, nas escaramuças ligadas às lutas políticas e ideológicas, pelo clima geral de desconfiança e a incerteza quanto ao futuro.

O luto coletivo de uma cidade devastada pela lama foi atravessado pelos processos indenizatórios e de acordos individuais e reparação judicial coletiva, que muitas vezes se fazem mais dolorosos do que mitigadores da dor. Por isso, para alguns pesquisadores importantes desse contexto, como André Luís Freitas Dias, do Pólos de Cidadania da UFMG, são "várias ondas de destruição" subsequentes ao colapso de uma barragem, ondas de distribuição de direitos e de subjetividades, e não apenas a lama no dia da tragédia-crime. A guerra parece nunca acabar.

Mais do que um acontecimento traumático real, o que importa é como uma cena traumática é construída e registrada pela realidade psíquica. Por meio do acom-



panhamento clínico, o trauma pode ser elaborado e a sua experimentação recorrente em momentos críticos da vida cotidiana podem receber novo significado, permitindo ao sujeito retomar o curso da vida.

Quando o colapso de barragens, como acontecidos em Mariana e Brumadinho, dão seu curso, fenômeno que para muitos em Brumadinho e fora dela rotulam como crime, os corpos assumem lugar de compensação financeira, de "coisas" passíveis de serem substituídas por reparações, "segmentos" encontrados pelos bombeiros em sua luta para localizar onde estão as corporeidades que antes eram vidas, histórias, pessoas.

Quando isso acontece, e mesmo antes disso, quando nas planilhas de gestão o cálculo da morte vira cálculo atuarial (de seguros), estabelece-se a chamada "necropolítica", conforme a entende o filósofo Joseph-Achille Mbembe, dentro e fora das corporações, no seio dos territórios sempre repletos de histórias de vida. Algumas dessas vidas invisíveis são consideradas pouco aptas, ultrapassadas, inadequadas e sem lugar para viver e existir dentro do que se deseja como desenvolvimento dos territórios sob a égide da chamada "Minério-Dependência".

Ainda que alguns pesquisadores destaquem, com competência e clareza, a "Minério-Dependência" como um fenômeno econômico, trabalhamos aqui, mais uma vez com a concepção, também compartilhada por André Dias, como um fenômeno psíquico, social, cultural, político, econômico e ambiental, no qual comunidades e territórios vão se tornando reféns, ao longo de sua trajetória histórica de reprodução da vida, da sobrevivência, do verdadeiro "canto de sereia" da mineração e suas utopias de desenvolvimento dos territórios.

Territórios com a presença de atividades mineradoras sempre foram territórios de muitas guerras, sobretudo guerras pelo imaginário e pelos desejos. É assim que compreendemos a "Minério-Dependência", como um fenômeno no qual os desejos, corações e mentes (e o imaginário) só conseguem se relacionar com a mineração, seja como "canção de amor", seja como "canção de guerra", não reconhecendo outras formas de ser, viver e se desenvolver como pessoa, comunidade e sociedade que não sejam relacionadas à mineração em si como fonte direta ou indireta de riqueza.

Os desafios sociais a serem enfrentados são graves, recorrentes e presentes em diferentes dimensões da vida no território. No âmbito econômico, podemos enumerar no contexto de Brumadinho: interrupção da produção e de prestação de serviços públicos e privados relevantes para a manutenção do bem público; pagamento de valores de auxílio baixos e insuficientes para as pessoas afetadas; uso inadequado dos recursos para a resposta à tragédia-crime por falta de consulta à população afetada e acesso e utilização inadequados dos programas disponíveis para atendimento às pessoas afetadas; disputas políticas interferindo nas ações econômicas; inflação e supervalorização dos preços para moradia (aluguel e terras) nas áreas seguras ou não afetadas dos municípios atingidos; inexistência e/ou inconsistência das políticas locais para enfrentamento aos desastres; inexistência de planos de recuperação pós-tragédia, que atendam de forma célere às demandas das comunidades afetadas. »

Os desafios enfrentados na área da saúde mental são sobremaneira preocupantes pelos efeitos irreversíveis que as tragédias podem trazer à vida psíquica das pessoas; sobrecarga de trabalho na rede pública de saúde; falta de preparação e treinamento do pessoal envolvido nos atendimentos; inconstância e limitações na prestação do atendimento em saúde mental da população afetada; aumento na demanda por uso de ansiolíticos (tranquilizantes), do consumo de bebidas alcóolicas e de outras drogas por parte da população; e elevação das taxas de autoextermínio e abusos contra adoecimento dos profissionais de saúde.

Todos estes fatores impactam a reconstrução do território, levando a demora nas decisões relativas à compensação pelos crimes ambientais e agravamentos nos quadros psíquicos, tendo como fundo o baixo dinamismo da economia local. O enfraquecimento do tecido social leva a mais exposição da população às vulnerabilidades, o que, associado à situação de precarização e negação de direitos, gera uma sensação de constante ameaça e a um risco potencial de repetição ou ocorrência de novas tragédias. Isso tem levado alguns pesquisadores a falarem de "terrorismo de barragens", visto que comunidades inteiras em Minas Gerais se reconheceram, sobretudo após o ocorrido em Brumadinho, sob constante ameaça de um iminente novo colapso de barragens. »

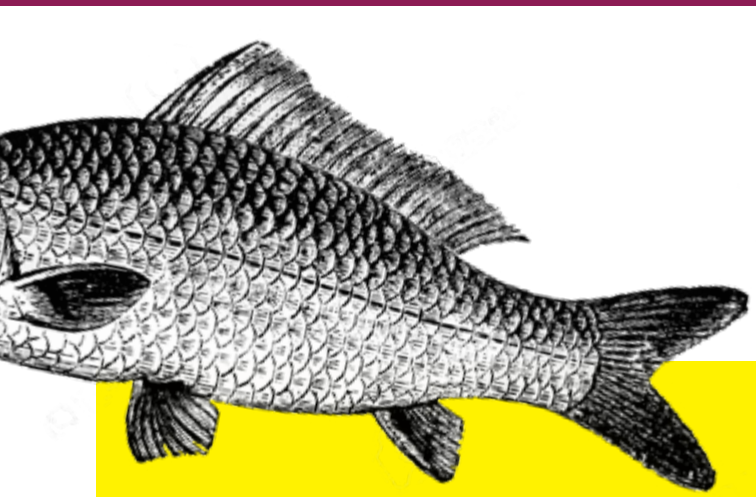
A reversão desse quadro pode acontecer por meio da atuação de organizações da sociedade civil e de um amplo ambiente local orientado para a construção de alianças intersetoriais. Porém, essa atuação pode reforçar o quadro traumático local caso não se oriente pelos seguintes pilares, conforme nos lembra André Dias:

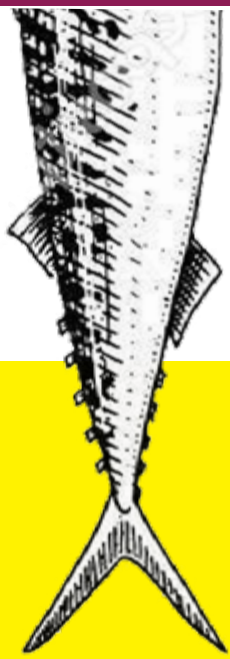
A) respeito e compromisso com o protagonismo, autonomia e centralidade dos atores locais, e não de organizações e indivíduos anteriormente sem presença no território, na reconstrução após a tragédia-crime;

B) reconhecimento, valorização e estímulo a diferentes modos de vida e existência, bem como de reprodução econômica, não submetidos à dinâmica de exploração mineral (um dos caminhos para a superação da minério-dependência);

C) fortalecimento das políticas públicas e da capacidade estatal de atendimento das múltiplas demandas do território, anteriores e posteriores à tragédia-crime.

Cabe aos profissionais que atuam em organizações da sociedade civil e no governo reinventar suas práticas, criando maneiras de minimizar os efeitos do vírus da Covid-19 e dos traumas da tragédia-crime e da minério-dependência por meio do reforço da empatia, uma alternativa frente à chamada fadiga de compaixão, um fenômeno que pode acomodar qualquer profissional exposto à lida em contextos de tragédias. Propiciar a imunidade psíquica à população de Brumadinho é um compromisso ético que os profissionais devem assumir e que deve orientar as políticas das organizações envolvidas em alianças intersetoriais.





COMO AS OSCS PODEM UTILIZAR MELHOR A INTERNET PARA CAPTAÇÃO DE RECURSOS

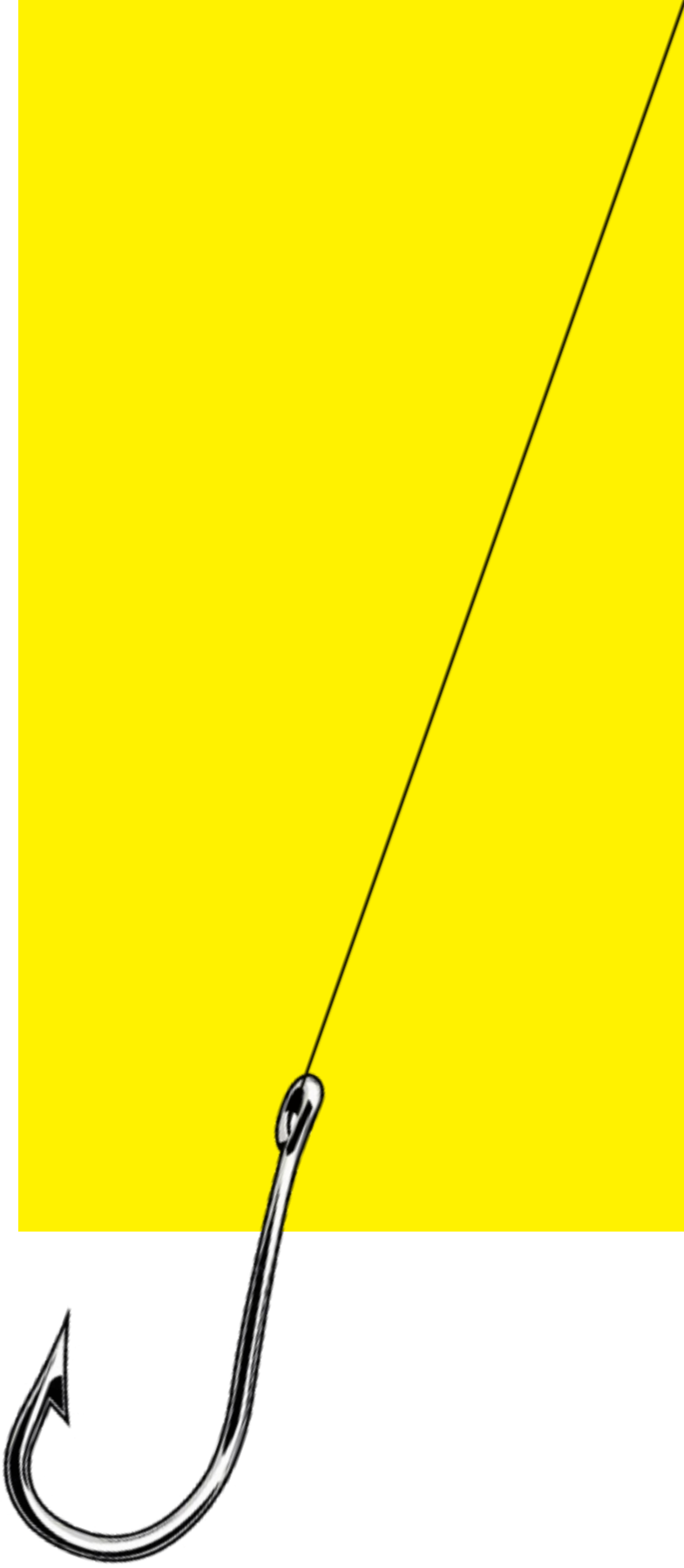
Débora Verdan[1]

Neste ano, o cenário do novo coronavírus mudou radicalmente os hábitos de grande parte da população que para aderir ao distanciamento social –, medida protetiva para evitar a proliferação do vírus – começou a trabalhar remotamente, fazer mais transações bancárias on-line, usar ambientes virtuais com mais frequência para se comunicar com colegas de trabalho, amigos e familiares, além

de passar a usar mais e-commerces e aplicativos de entrega para fazer as compras em lojas, mercados, restaurantes, entre outros.

Esse momento impactou diretamente também as organizações da sociedade civil, OSCs, de todos os tamanhos e causas. Segundo pesquisa feita em abril pela Rede do Bem, uma iniciativa da Agência do Bem com 231 gestores de organizações da sociedade civil sem fins lucrativos, do eixo Rio-São Paulo, 67% deles contaram que houve queda de mais da metade na arrecadação em suas receitas após o início da pandemia.

Entretanto, a pesquisa Brasil Giving Report 2020: um retrato da doação no Brasil, realizada em agosto de 2019, pela Charities Aid Foundation (CAF) e pelo IDIS, Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social, aponta que houve a elevação da confiança dos brasileiros nas OSCs, uma forte demanda quanto ao investimento social feito por empresas e a maior mobilização das pessoas em torno de causas políticas e sociais. Além disso, a pesquisa mostra que doações em dinheiro ainda se mantêm na liderança, mas as doações on-line, via cartão de crédito ou depósito em conta e também via plataformas digitais tiveram aumento de mais de 7% se comparado a anos anteriores da pesquisa. Ou seja, a doação on-line é um caminho importante para ser trilhado pelas organizações da sociedade civil. Independentemente do tamanho da organização ou a causa defendida, para uma melhor captação de recursos é necessário ter uma estrutura mínima pessoal e organizacional de captação de recursos.



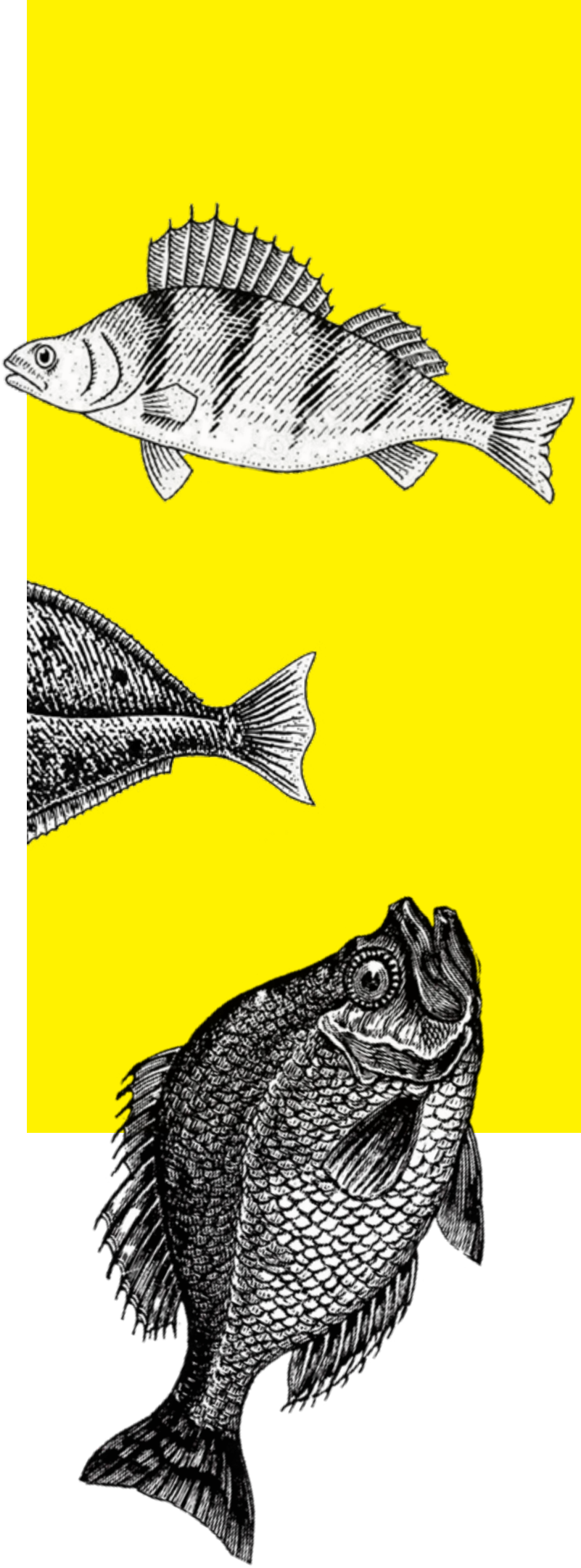
Pode parecer óbvio, mas às vezes não é. Segundo a Associação Brasileira de Captadores de Recursos, a ABCR, o captador de recursos é o profissional

responsável por garantir a sustentabilidade das organizações, justamente porque trabalha por garantir a receita, a partir de doações de indivíduos, de famílias, de heranças, das empresas, dos governos, por meio de editais, plataformas digitais etc.

E falando em plataformas digitais, como as OSCs podem utilizar melhor a internet para captar recursos? Este texto não tem a pretensão de dizer o que é certo ou errado, mas apenas apontar alguns caminhos possíveis.

Patrícia Lobaccaro, consultora no setor social, membro de conselhos de instituições sem fins lucrativos, fala em um curso on-line e gratuito apresentado na Escola Aberta do Terceiro Setor (ead.escolaaberta3setor.org.br), dicas práticas de como organizar e lançar uma campanha de crowdfunding para as organizações da sociedade civil. No curso, entre outros importantes conselhos, ela diz que a campanha on-line começa no off-line. "Tudo o que você fizer para além da internet é que vai determinar o sucesso da sua campanha. Primeiro, converta e engaje de forma direta por meio de uma ligação telefônica, um e-mail pessoal ou uma conversa privada em aplicativos de conversa instantânea com o círculo de doadores mais próximos". Ainda, segundo a professora, campanhas que conseguem 25% da meta na primeira semana, têm 80% de chance de completar a meta total. "O entusiasmo durante toda a campanha é fundamental. Sempre celebre e agradeça", explica ela.

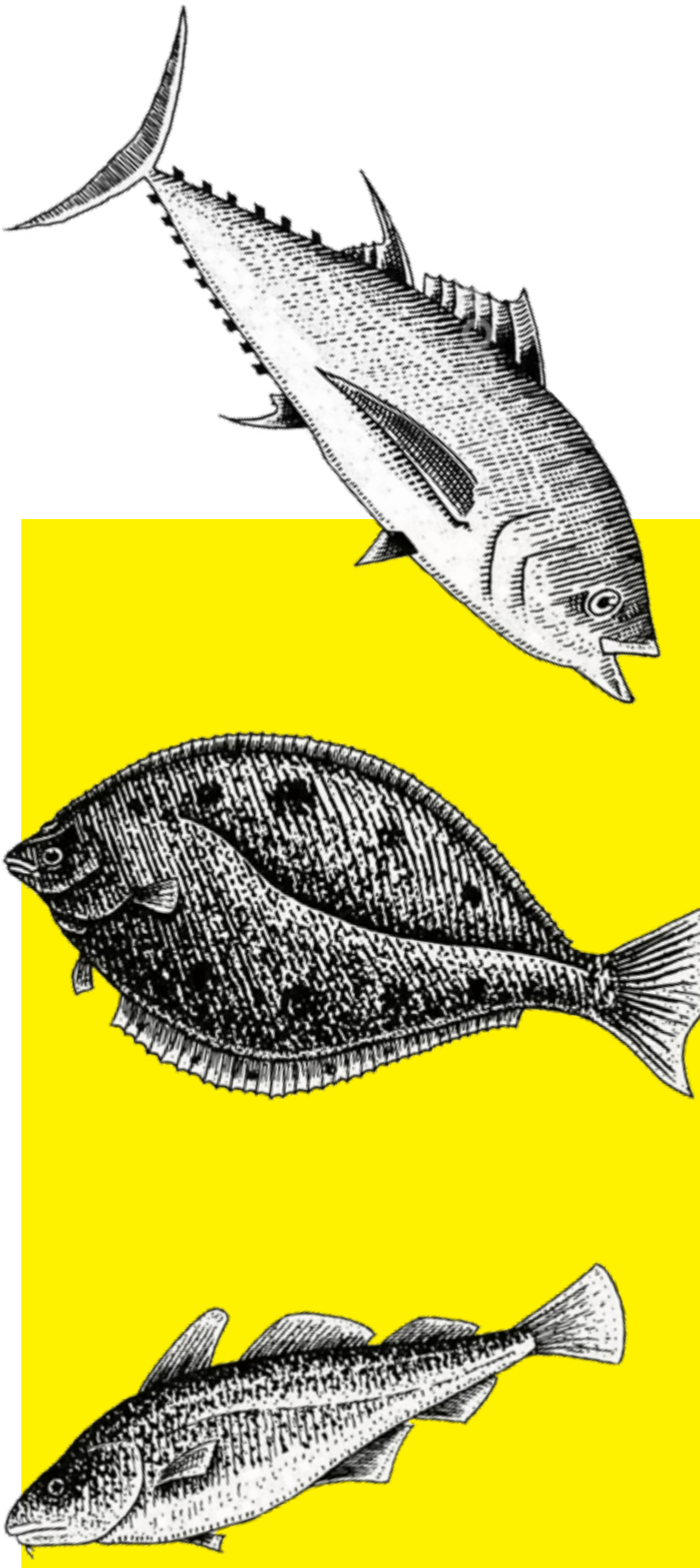
Não dá para esquecer que doadores deixam de apoiar organizações porque não se sentem mais conectados a elas, por isso, é imprescindível manter os doadores atuais informados e engajados. Marcelo Estraviz, criador do Instituto Doar, um dos fundadores da ABCR e também professor volun-

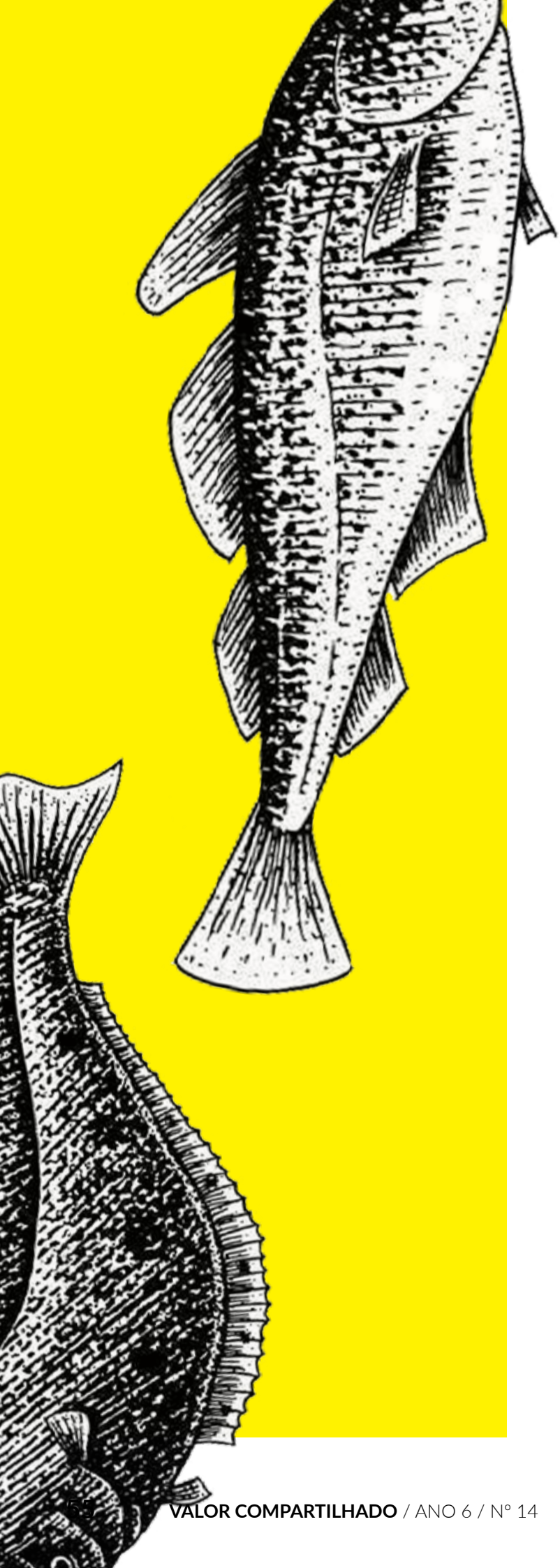


tário da Escola Aberta do Terceiro Setor, diz que a organização precisa conversar com os doadores fidelizados e trabalhar para captar novos, mas com responsabilidade. “Conseguir novos doadores é abrir uma campanha de doação on-line e esquecer dela na plataforma? Não! Seus pares e seus amigos precisam ser os primeiros a doar e, com os pés no chão, você vai ampliando essa rede de doadores”, ensina.

Pesquisas apontam também que muitas pessoas e empresas não fazem aportes ou doações porque nunca receberam um pedido. Por isso, é importante pedir a doação e divulgar a causa e o trabalho da sua organização. Uma sugestão é usar as ferramentas da internet como sites e redes sociais, pois são ferramentas essenciais de relacionamento com o público. Mas não se esqueça, para construir a confiança entre a OSC e seus doadores é importante ser transparente e prestar contas mostrando a aplicação dos recursos.

No curso Nove passos para planejar o desenvolvimento institucional de uma organização, a professora voluntária da Escola Aberta do Terceiro Setor, Rachel Carneiro de Souza, mostra, que antes de sair captando, é preciso fazer uma lição de casa para que a organização apresente à sociedade sua credibilidade e legitimidade. “É preciso saber o propósito da organização, ter uma eficiente organização administrativa, jurídica, contábil e tributária”, defende. Já o auditor e professor voluntário da Escola Aberta do Terceiro Setor, Nailton Cazumbá, no curso O papel do Controle Interno nas OSCs, ensina que, como em qualquer organização, os dirigentes e demais membros necessitam estar atualizados e capacitados para desempenhar suas funções. “Isso serve para que a organização busque alcançar a sustentabilidade, a transparência, o controle, a economicidade, a eficiência e a eficácia, que permitirão a captação de recursos, a sobrevivência e o crescimento dessas entidades”, diz Cazumbá.





E voltando a palavra a uma captadora de recursos, membro da ABCR, com mais de 20 anos de experiência, a professora Ana Flávia Godoi defende que investir em uma estrutura de captação, de comunicação e de transparência é extremamente importante para a OSC. "É importante que todas as organizações continuem atuando, captando, desenvolvendo suas campanhas para a conquista do doador porque, na minha opinião, estamos vivendo uma sociedade em transformação, nossa sociedade precisa ser mais solidária, precisa de fato olhar para as causas sociais e saber que a transformação e o impacto podem mudar de verdade a nossa realidade", diz Ana Flávia.

A Escola Aberta do Terceiro Setor é uma plataforma social que reúne dezenas de cursos on-line e gratuitos para capacitação do Terceiro Setor. Você pode ter acesso a um conteúdo de alta qualidade e que pode lhe orientar como fazer uma boa gestão administrativa, financeira, de comunicação e de captação de recursos com os melhores profissionais de suas respectivas áreas de atuação. Todo curso oferece certificado de participação.

Logo, se queremos viver em um Brasil mais justo e sustentável, precisamos pensar e agir de maneira estratégica.

---

[1] Débora Verdan é jornalista e atualmente coordena a produção de conteúdo da Escola Aberta do Terceiro Setor.

VALOR COMPARTILHADO

REALIZAÇÃO:

CeMAIS
Centro Mineiro de Alianças Intersetoriais